



SÁB

16

MAI

19H00

CCC | GRANDE
AUDITÓRIO

MOZART: MISSA DE COROAÇÃO

CORO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS
E ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

Apresentação do concerto por Susana Henriques

Ludwig van Beethoven (1770-1827)

Sinfonia n.º 2 em Ré Maior, Op. 36

I. Adagio. Allegro con brio

II. Larghetto

III. Scherzo. Allegro-Trio

IV. Allegro molto

INTERVALO

Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791)

Missa de coroação em Dó Maior, K. 317

Kyrie

Gloria

Credo

Sanctus

Benedictus

Agnus Dei

Soprano Sara Braga Simões

Meio-soprano Leila Moreso

Tenor João Pedro Cabral

Barítono Nuno Dias

Direção musical Renato Balsadonna

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

(Maestro titular Giampaolo Vessella)

Orquestra Sinfónica Portuguesa

(Maestro titular Antonio Pirolli)

Duração aproximada: **80 MINUTOS**

Direção Artística do Teatro Nacional de São Carlos Pedro Amaral

Mozart e Beethoven a apontar para o futuro

A *Sinfonia n.º 2 em Ré Maior*, Op. 36 foi escrita entre 1801 e 1802 e estreada a 5 de abril de 1803 no Theater an der Wien, na capital austríaca. Nessa estreia, dirigida pelo próprio Beethoven, foram também apresentados o *Concerto para piano n.º 3* e a grande oratória *Cristo no Monte das Oliveiras*. De formas diferentes, estas três obras revelam os novos rumos da música de Beethoven no início do século XIX.

Fim de uma era, começo de outra. Se a *Sinfonia n.º 2* é ainda devedora dos modelos clássicos em alguns aspetos formais (pensamos em Haydn), ela aponta para o futuro, crescendo de tamanho, expandindo as suas dinâmicas internas e alargando a sua potência expressiva, a partir dos mais pequenos detalhes. Clássica? Romântica? Primeira fase? Segunda? As arrumações musicológicas da sua obra, acesamente discutidas, não devem fazer esquecer que as obras musicais de Beethoven são elas mesmas ações, processos de intenso trabalho, frutos de vontades e não só objetos a encaixar. Elas não são apenas produto da história, mas fazem a história. Até porque a sua atitude, enquanto compositor, foi de afirmação tenaz da

sua voz, guiada por uma verdade íntima onde ecoavam os ideais do seu tempo, é certo, mas também a sua inalienável liberdade. Não admira por isso que esta *Segunda Sinfonia* tenha sido criticada por ser «artificial» ou por ter problemas de escala. Beethoven procura já neste tempo (tão perto da sua *Sinfonia «Herpica»* de 1804) a expressão máxima, o efeito mais potente, e não teme ser caprichoso, alargar a medida, desequilibrar a forma, se necessário, para pôr as suas ideias em movimento. A *Sinfonia n.º 2*, menos famosa do que a *Terceira*, a *Quinta* ou a *Nona*, talvez tenha a vantagem de estar mais aberta a leituras frescas e novas descobertas de como ela canta, dança e «fala».

O primeiro andamento inicia-se com um *Adagio*, andamento lento, aparentemente solene, mas afinal lírico, com contrastes dinâmicos acentuados (fortíssimos alternando com delicadezas máximas) que se conclui sobre um bordão da dominante, para lançar depois o *Allegro con brio*, de alegrias contagiantes, com dois motivos principais e onde algumas sombras vão espreitando. O belo *Larghetto*, em Lá, é um dos momentos em que Beethoven

se expande, dando um peso maior do que era costume ao segundo andamento. As trompas têm um papel importante, no meio de um diálogo constante entre cordas e madeiras, onde temas de sabor popular e melancólico se vão adensando e dramatizando. O motivo principal regressa e modifica-se, mas já não é o mesmo depois do que se passou. No *Scherzo*, o jogo musical parece tomar a dianteira, num tom provocador, com súbitos contrastes dinâmicos. O último andamento, *Allegro molto*, rápido e de invenção desenfreada, é feito de ímpeto, de alegria e de constantes surpresas orquestrais que não deixam o ouvinte descansado até ao fim. Um antídoto para o desespero?

O ano de 1802, em que acaba a *Sinfonia n.º 2*, é também aquele em que escreve o seu famoso «Testamento de Heligenstadt», uma carta aos irmãos em que considera a hipótese do suicídio e mostra abertamente o seu sofrimento com a sua galopante perda de audição. Mas também ali se encontra explicitamente o seu desejo de expressão artística, como ato de afirmação, salvação e liberdade.

Um crítico da época disse do *Finale* que era como «um dragão ferido» contorcendo-se e recusando-se a morrer. Era uma opinião depreciativa, mas tinha um fundo de verdade: Beethoven pode ser esse dragão lutando contra o destino e a morte, com uma arma apenas – a sua indomável música.

Wolfgang Amadeus Mozart tinha 23 anos quando escreveu esta *Missa em Dó Maior* K. 317, conhecida por «*Missa de coroação*», um título que lhe foi atribuído apenas no início do século XIX, por ser se prestar a ser utilizada em coroações reais ou imperiais.

Escrita em 1779, a *Missa em Dó Maior* revela muitos dos recursos composicionais adquiridos por Mozart até então, na habilidade orquestral e na escrita vocal. O compositor tinha acabado de chegar de uma longa viagem a Paris e Mannheim, onde procurou uma posição como músico e compositor, sem sucesso. De regresso, consegue um posto como organista da catedral de Salzburgo. Mas Mozart quer ser reconhecido como compositor e quer libertar-se, económica e socialmente, de um meio que considera asfixiar as suas pretensões artísticas. Salzburgo é agora pequena demais para o seu talento.

A *Missa em Dó Maior* mostra já um afastamento claro em relação ao estilo galante, que ele começa a detestar (ou com o qual goza deliberadamente). Não se importa de brincar às «*turqueries*», como faz em Paris, onde escreve a sonata para piano com a famosa *Marcha Turca*. Mas Mozart quer mais – nele ferve uma vontade de ópera, ao mesmo tempo que deseja escrever mais profundas sinfonias e concertos.

Na *Missa de coroação*, escreve números vocais de grande agilidade, jogando com a oposição de coro e de vozes solistas – estas frequentemente em quarteto –, logo desde o *Kyrie* inicial. Seguem-se um *Gloria* («con spirito») e um *Credo* onde Mozart inventa mudanças de velocidade e de carácter, mas sempre bem próximo do texto religioso, numa admirável escrita para vozes. Depois, virá um *Sanctus*, majestoso, apenas para o *tutti* coral. Mas alguns

dos momentos mais originais e conseguidos desta missa vêm perto do final: um *Benedictus* com surpresas e belezas imprevistas e um *Agnus Dei* que Mozart reutilizará sete anos depois, numa ária da sua ópera *As bodas de Fígaro*, quando a condessa canta «*Dove sono i bei momenti/ Di dolcezza e di piacer*» («Onde estão os belos momentos de doçura e de prazer?»). Viagem improvável de uma obra religiosa para uma ópera bufa? Talvez não, porque já aqui se escuta um «desejo de teatro» que permeia a encantadora música vocal de Mozart.

Pedro Boléo

Missã de coroaçã *em Dó Maior, K. 317*

- *Kyrie*
- *Gloria*
- *Credo*
- *Sanctus*
- *Benedictus*
- *Agnus Dei*

KYRIE

Kyrie eleison,
Christe eleison.

GLORIA

Gloria in excelsis Deo.
Et in terra pax hominibus bonae
voluntatis. Laudamus te, benedicimus
te,
adoramus te, glorificamus te.
Gratias agimus tibi propter magnam
gloriam tuam. Domine Deus,
Rex caelestis.
Deus Pater omnipotens.
Domine Fili unigenite, Jesu Christe.
Domine Deus, Agnus Dei,
Filius Patris.
Qui tollis peccata mundi,
suscipe deprecationem nostram.
Qui sedes ad dexteram Patris,
miserere nobis.
Quoniam tu solus Sanctus,
tu solus Dominus, tu solus Altissimus.
Jesu Christe.
Cum Sancto Spiritu in gloria Dei Patris.
Amen.

CREDO

Credo in unum Deum.
Patrem omnipotentem, factorem coeli
et
terrae. visibillum omnium et invisibi-
lium.
Et in unum dominum Jesum Christum,
Ftti^oum Dei unigenitum.
Et ex Patre natum ante omnia saecula.
Deum de Deo, lumen de lumine, Deum
verum de Deo vero.
Genitum, non factum, consubstantia-
lem
Patri: per quern omnia facta sunt.
Qui propter nos homines et propter
nostram salutem descendit de caelis.
Et incarnatus est de Spiritu Sancto ex
Maria Virgine: Et homo factus est.
Cruclfixus etiam pro nobis:
sub Pontio Pilato passus et sepultus
est.
Et resurrexit tertia die
secundum Scripturas.
Et ascendit in caelum:
sedet ad dexteram Patris.
Et iterum venturus est cum gloria
judicare vivos et mortuos:
cujus regni non erit finis.
Et in Spiritum Sanctum, Dominum et
vivificantem: Qui ex
Patre Filioque procedit.
Qui cum Patre et Filia
simul adoratur et conglorificatur:
Qui locutus est per Prophetas.
Et unam sanctam catholicam et
apostolicam Ecclesiam.
Confiteor unum baptisma
in remissionem peccatorum.
Et expecto resurrectionem mortuorum.
Et vitam venturi saeculi.
Amen.

SANCTUS

Sanctus Dominus Deus Sabaath. Pleni
sunt caeli et terra gloria tua. Hosanna
in
excelsis.

BENEDICTUS

Benedictus qui venit in nomine Domini.
Hosanna in excelsis.

AGNUS DEI

Agnus Dei, qui tollis peccata mundi:
miserere nobis, dona nobis pacem.

KYRIE

Senhor, tem piedade de nós.
Cristo, tem piedade de nós.

GLÓRIA

Glória a Deus nas alturas.
E paz na terra aos homens de boa
vontade. Louvamos-Te, bendizemos-Te,
adoramos-Te, glorificamos-Te.
Damos-Te graças pela grandeza da Tua
glória, Senhor Deus.
Rei do céu,
Deus Pai omnipotente.
Filho unigénito, Senhor Jesus Cristo.
Senhor Deus, Cordeiro de Deus,
Filho do Pai.
Tu que tiras os pecados do mundo,
acolhe a nossa súplica.
Tu que te sentas à direita do Pai,
tem piedade de nós,
Pois só Tu és Santo,
só Tu és o Senhor. Só Tu és o Altíssimo,
Jesus Cristo.
Como Espírito Santo, na glória de Deus
Pai. Ámen.

CREDO

Creio num só Deus,
Pai onnipotente, Criador do céu e da
terra, de todas as coisas visíveis e
invisíveis.

E num só Senhor, Jesus Cristo, Filho
unigénito de Deus.

Nascido do Pai antes de todos os
séculos, Deus de Deus, luz de luz,
Deus verdadeiro de Deus verdadeiro.
Gerado e não criado consubstancial ao
Pai: por quem todas as coisas foram
feitas.

E que por nós homens
e pela nossa salvação desceu dos céus.

E incarnou, pelo Espírito Santo, na
Virgem Maria: e se fez homem.

E por nós também, foi crucificado:
sob Pôncio Pilatos, sofreu e foi sepulta-
do.

E ressuscitou no terceiro dia,
conforme as Escrituras.

E subiu ao céu:

onde está sentado à direita do Pai.

E voltará novamente, cheio de glória,
para julgar os vivos e os mortos:
e o seu reino não terá fim.

Creio no Espírito Santo, Senhor e
fonte de vida: que procede do
Pai e do Filho.

Que com o Pai e o Filho,
é adorado e glorificado:
e que falou através dos profetas.

Creio numa Igreja una,
santa, católica e apostólica.

Creio num só batismo
para remissão dos pecados.

E espero a ressurreição dos mortos.

E a vida eterna.

Âmen.

SANCTUS

Santo é o Senhor do universo.

Os céus e a terra proclamam para
sempre

a Tua gloria. Hossana nas alturas.

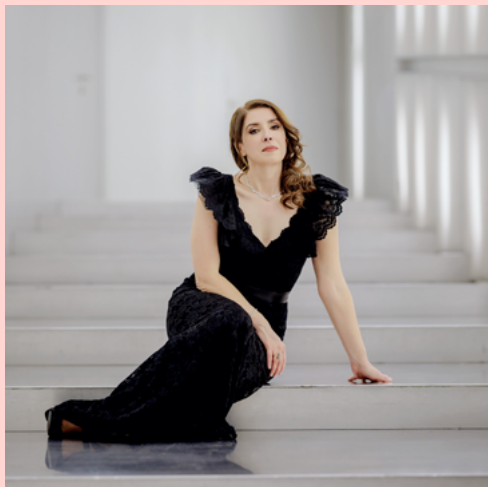
BENDITO

Bendito o que vem em nome do Senhor.

Hossana nas alturas.

AGNUS DEI

Cordeiro de Deus, que tiras os pecados
do mundo, tem piedade de nós, dá-nos
a paz.



Sara Braga Simões

Soprano

Reconhecida pela versatilidade e presença cénica, apresenta-se regularmente nos principais teatros, salas de concerto e festivais portugueses, tendo-se apresentado também, no Reino Unido, França, Espanha, Croácia e Eslovénia. Em ópera, interpretou numerosos papéis de destaque: Pamina (*Die Zauberflöte*); Gretel (*Hänsel und Gretel*); Susanna (*Le nozze di Figaro*); Rosina (*Il barbiere di Siviglia*); Adina (*L'elisir d'amore*); The Governess (*The turn of the screw*); Mabel (*The pirates of Penzance*); Rita (*Donizetti*); Zerlina (*Don Giovanni*) e Despina (*Così fan tutte*), com encenação de Ricardo Pais, Luis Miguel Cintra, António Durães, Pedro Ribeiro e João Botelho, entre outros. O seu repertório concertístico, inclui obras como a *Missa em Dó menor* de Mozart (Fundação Gulbenkian), *Messiah* de Händel, *Les Illuminations* de Britten (Orquestra Metropolitana), *Ein Deutsches Requiem* de Brahms (Teatro Nacional de São Carlos e Casa da Música), *Gloria* de Poulenc, *Dona Nobis Pacem* de Vaughan Williams (Teatro São Carlos), *Des Knaben Wunderhorn* de Mahler (Casa da Música) e outras, como *Carmina Burana* de Orff e *Les nuits d'été* de Berlioz. Colaborou com maestros como Ton Koopman, Laurence Cummings, Lawrence Renes, Martin André, Antonio Pirolli, Stefan Asbury, Peter Rundell, Johannes Willig, Stefan Blunier, Rui Pinheiro, Marcos Magalhães, Pedro Neves, Cesário Costa, João Paulo Santos, Joana Carneiro, António Saiote, Marc Tardue, Brad Cohen e Ferreira Lobo.



Leila Moreso

Meio-soprano

Licenciada em geologia aplicada e ambiente pela Universidade de Lisboa. Galardoada, em 2016, com o 3.º prémio no Concurso de Canto da Fundação Rotária Portuguesa, sob orientação de Elvira Ferreira. Iniciou os seus estudos musicais no Conservatório D. Dinis na classe de canto de Margarida Marecos e, posteriormente, no Conservatório Nacional de Música na classe de Larissa Savchenko. Integrou o estúdio de Ópera do Teatro Nacional de São Carlos, em 2010. Entre 2011 e 2015, foi membro do Coro da Fundação Calouste Gulbenkian, e é, desde 2015, do Coro do Teatro Nacional de São Carlos.



João Pedro Cabral

Tenor

João Pedro Cabral estudou no Conservatório Nacional de Música de Lisboa e na Vlaamse Operastudio. Entre 2011 e 2014, integrou o Atelier Lyrique de l'Opéra National de Paris, onde interpretou, entre outros, Contino Belfiore, Gernando, Ecclitico e Don Ottavio. Apresentou-se em salas como o Teatro Nacional de São Carlos, a Opéra National de Paris, o Centro Cultural de Belém, a Opéra de Reims, a Opéra d'Avignon e o Palau de les Arts Reina Sofia. Destacam-se papéis como Renaud (*Armide*), Pong (*Turandot*), a Chaleira, o Velhinho e a Rã (*L'enfant et les sortilèges*), Tapioca (*L'étoile*, Chabrier), Almaviva (*Il barbiere di Siviglia*), Cavaliere Belfiore (*Il viaggio a Reims*), Gonzalve (*L'heure Espagnole*) e Don Ottavio (*Don Giovanni*). Participou em gravações para as editoras NAXOS e NoMadMusica. Recentemente, interpretou o papel de Acis, em *Acis and Galatea*, e estreou-se nos *Carmina Burana*.



Nuno Dias

Baixo/Barítono

Licenciado em canto pela Universidade de Aveiro, na classe de Isabel Alcobia, onde foi docente assistente no ano letivo de 2013/14. Desenvolveu os seus estudos posteriormente com Alan Watt, Tom Krause e Michael Rhodes. É bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian para o projeto ENOA (European Network of Opera Academy). Fez parte de Academia de Ópera do Festival de Verbier 2013, onde trabalhou com Barbara Bonney, Claudio Desderi, Tomas Quastoff e Tim Caroll, tendo-se destacado com o prémio «Jovem Promessa Thierry Marmod». Como solista, em Oratória, tem-se apresentado em concerto com diversas orquestras nacionais e internacionais, cantando obras de referência do repertório coral-sinfónico. No campo da ópera, interpretou, no Teatro Nacional de São Carlos, ao longo das últimas temporadas, diversas personagens do repertório lírico, abrangendo obras de compositores consagrados como G. Puccini, G. Donizetti, G. Rossini e G. Bizet, entre outros. Em outros palcos nacionais e internacionais, fazem também parte compositores como G. Verdi, W. A. Mozart, F. Busoni, I. Stravinski, B. Britten. Da sua discografia, destaca-se o disco *Canções Pagãs*, inteiramente dedicado ao cancioneiro de Luiz Goes, trabalho esse com reconhecimento de Utilidade Cultural pelo Ministério da Cultura. Foi cantor residente no Stadttheatre Bern, Suíça durante a temporada 2014/15. É, atualmente, membro do Coro do Teatro Nacional de São Carlos.



Renato Balsadonna

Direção musical

Natural de Veneza, Renato Balsadonna prosseguiu os seus estudos musicais nos conservatórios de Pádua e Milão, onde se diplomou em piano e estudou composição com Bruno Coltro. É reconhecido internacionalmente pela sua versatilidade, tanto no repertório operático como no concertístico. Ao longo da sua carreira, já dirigiu em algumas das mais importantes salas de espetáculo do mundo como: Royal Opera House em Londres; Teatro La Fenice em Veneza; New National Theatre em Tóquio; Opéra de Nice; Teatro Mariinski em São Petersburgo; e Cincinnati Opera em Cincinatti, entre várias.

Desenvolveu uma longa e estreita colaboração com Sir Antonio Pappano, tendo sido maestro do Coro da Royal Opera House, entre 2004 e 2016. Dirigiu orquestras como a Orquestra Filarmónica Real, a Orquestra Filarmónica de Londres, a Orquestra Sinfónica de Trondheim, a Orquestra da BBC e a Orquestra Sinfónica Nacional da Lituânia.

A sua discografia inclui um álbum, muito aclamado pela crítica, com a Filarmónica de Londres, e uma recente gravação dos concertos para piano de Brahms com a Orquestra Sinfónica Nacional da Lituânia. Participou também em gravações para etiquetas como a EMI, a Deutsche Grammophon, a Warner Classics, a Sony Classical, a Opera Rara e a Chandos.

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

O Coro do Teatro Nacional de São Carlos, criado em 1943 sob a titularidade de Mario Pellegrini, tem atuado sob a direção de importantes maestros (Pedro de Freitas Branco, Votto, Serafin, Gui, Giulini, Klemperer, Zedda, Solti, Santi, Rescigno, Navarro, Rennert, Burgos, Conlon, Christophers, Plasson, Minkowski, entre outros) e colaborado com marcantes encenadores (Pountney, Carsen, Vick). Entre 1962 e 1975, o Coro colaborou nas temporadas da Companhia Portuguesa de Ópera (Teatro da Trindade), tendo-se deslocado com a mesma a Madeira, aos Açores, a Angola e a Oviedo. O conjunto tem regularmente abordado o repertório de compositores nacionais (Alfredo Keil, Augusto Machado) e tem participado em estreias mundiais de óperas de Fernando Lopes-Graça, António Victorino d'Almeida, António Chagas Rosa e Nuno Côrte-Real. Em 1980, formou-se um primeiro núcleo coral a tempo inteiro e, três anos depois, assumiu-se a profissionalização plena, sob a direção de Antonio Brainovitch. A partir de 1985, a afirmação artística do conjunto foi creditada a Gianni Beltrami, e o titular seguinte foi João Paulo Santos. Sob a responsabilidade destes dois maestros, o Coro registou marcantes êxitos internacionais: *Grande messe des morts* de Berlioz (1989 – Turim); *Requiem* de Verdi (1991 – Bruxelas) e Concerto Henze/Corghetti (1997 – Festival de Granada). Giovanni Andreoli assumiu o cargo em 2004. Sob a sua direção, o Coro averbou êxitos com um vasto e variado repertório. Em 2005, o Coro foi convidado pela Ópera de Génova para participar em recitas da ópera *Billy Budd* de Britten, convite que se repetiu em 2015. Giampaolo Vessella é o maestro titular desde janeiro de 2021.

Giampaolo Vessella

Maestro titular do Coro do Teatro Nacional de São Carlos

É, desde janeiro de 2021, maestro titular do Coro do Teatro Nacional de São Carlos. Estudou trombone, composição, música coral e direção coral no Conservatório de Música Giuseppe Verdi, em Milão. De 2016 a janeiro de 2021, foi maestro do Coro da Devlet Opera ve Balesi de Ancara e, de 2018 a janeiro de 2021, desempenhou as funções de orientador vocal do Coro da Radio e Televisão da Turquia. Simultaneamente a sua carreira como barítono solista, prosseguiu a atividade como maestro de coro, a partir de 1993, quando criou o Schola Cantorum *Cantate Domino* de Carbonate (Itália). Em 1996, fundou o Coro Euphonia, em Carbonate, do qual foi diretor artístico e orientador vocal. O Coro Euphonia foi levado a descoberta do mundo da ópera, tendo interpretado, ao longo dos anos, os mais importantes títulos do repertório melodramático. De janeiro de 2002 a 2016, dirigiu o Coro Lirico dell'Associazione Musicale Calauce de Calolziocorte (Itália). De 2006 a 2016, dirigiu o coro lírico Corale Arnatese e, de setembro de 2012 a 2015, foi o maestro do Coro Operístico de Mendrisio (Suíça). Em 2015, fundou o Coro Sinfónico Ticino. Durante vários anos, lecionou técnica, pedagogia e didatismo de canto para maestros de coro, em cursos organizados pela Unione Società Corali Italiane, de cujo Comité Artístico foi membro. Como *freelancer*, e regularmente convidado, por *ensembles* e coros, a orientar *masterclasses* e cursos de canto, tanto em Itália como no resto do mundo.

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e a participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as *Sinfonias n.º 1, 3, 5 e 6* de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralhinho. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirulli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.

Caldas da Rainha
CENTRO CULTURAL
e Congressos

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA**
CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO

opart
ORGANISMO
DE PRODUÇÃO
ARTÍSTICA, EPE

TNSC
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS